



1290000234



FE

TCC/UNICAMP P415i

GIANI PERES

**AS IMPLICAÇÕES DA EDUCAÇÃO FÍSICA
NO ÂMBITO DA INSTITUIÇÃO ESCOLAR**

**CAMPINAS
2000**

GIANI PERES

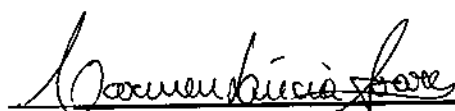
**AS IMPLICAÇÕES DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO
ÂMBITO DA INSTITUIÇÃO ESCOLAR.**

Trabalho realizado como exigência para a conclusão do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP – sob orientação da Profª Drª Carmem Lúcia Soares.

**CAMPINAS
2000**

Folha de aprovação

Campinas, agosto de 2000.



Orientadora: Profª Drª. Carmem Lúcia Soares

2ª leitora: Profª. Drª. Helena Lopes de Freitas

CATALOGAÇÃO NA FONTE ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP

P415i Peres, Giani.
As implicações da educação física no âmbito da instituição
escolar / Giani Peres. -- Campinas, SP : [s. n.], 2000.

Orientador : Carmen Lúcia Soares.
Trabalho de conclusão de curso - Universidade Estadual
de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Educação. 2. Educação física. 3. Professores -
Formação. 4. Currículos. I. Soares, Carmen Lúcia.
II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de
Educação. III. Título.

ÍNDICE

Dedicatória.....	05
Agradecimentos.....	06
Epígrafe.....	07
Resumo.....	08
 Introdução.....	 09
 Capítulo 1 – A Historicidade da Educação Física.....	 14
1.1. – A Influência Militar.....	16
1.2. – A influência Médica.....	18
1.3. – A influência Desportiva.....	20
1.4. – O caráter Tecnista.....	22
1.5. – Quadro sinóptico da Historicidade da Educação Física.....	25
 Capítulo 2 – A Educação Física como Componente Curricular.....	 26
2.1 – Primeiras aproximações – A Legitimidade da Educação Física.....	26
2.2 – Análise das grades curriculares dos curso de formação de professores/as.....	33
 Capítulo 3 – Uma visão sobre o PCN de Educação Física.....	 38
 Últimas Considerações.....	 48
 Referências Bibliográficas.....	 53
 Anexo I.....	 59
 Anexo II.....	 61

*Dedico este trabalho a todos que acreditam
que a Educação Física é um componente
importante, de igual valor frente aos demais
componentes e imprescindível na construção de
uma grade curricular completa e articulada.*

Agradecimentos:

Aos meus pais João Peres e Valdet Jorand Peres pela compreensão, apoio, auxílio nos momentos difíceis e, sobretudo, pela credibilidade que sempre tiveram por mim, durante toda minha vida, e, principalmente ao longo dos meus anos de estudos.

Ao meu irmão Joseval Peres, que sempre esteve do meu lado, ajudando-me em todos os momentos.

À professora Carmem Lúcia Soares, pelo incentivo, compromisso e determinação.

Às minhas amigas da faculdade, principalmente, Leila, Deni, Márcia, Sarah e Cintia, pelos momentos alegres e difíceis, os quais possibilitaram meu crescimento pessoal e profissional.

À amiga Patrícia que sempre auxiliou-me nas dificuldades, nas discussões e nas trocas de experiência.

Ao meu namorado William por me fazer muito feliz nos últimos meses da conclusão do curso de pedagogia e por sempre acreditar no meu potencial.

À Helena, pelo parecer crítico em meu trabalho.

Ao Pai, por dar-me forças para trilhar meu caminho e por sempre iluminar minha jornada.

Enfim, a todos que de uma forma ou de outra contribuíram para meu enriquecimento cultural e educativo.

*“ A Educação Física, na sua especificidade, tem certamente um papel
na construção da justiça, da igualdade e da felicidade
que se entrelaçam com as dimensões culturais e corpóreas”*

(BRITO, Vera Lúcia, 1997: p. 117)

Resumo:

A presente pesquisa foi elaborada como requisito para a disciplina TCC -- Trabalho de Conclusão de Curso, tendo como tema: “As implicações da Educação Física no Âmbito da Instituição Escolar”.

Durante este trabalho serão apresentados os problemas enfrentados pelo componente curricular em questão, bem como as possíveis hipóteses da marginalização/discriminação sofrida pelo mesmo na hierarquia dos saberes escolares.

No primeiro capítulo será abordado a historicidade da Educação Física, buscando fazer uma síntese de como esta é concebida desde os fins do século passado até os anos oitenta deste, sendo realçada as várias influências recebidas por este componente curricular.

Já no capítulo 2 tem-se como intuito resgatar quais as legitimações existentes que contribuem para com a manutenção dessa hierarquia pertinente durante toda pesquisa, bem como, fazer uma análise também da formação dos/as futuros/as profissionais da educação, quanto a essa área – Educação Física. Para isso, serão analisadas as grades curriculares do curso de pedagogia das universidades públicas do estado de São Paulo (USP, UNICAMP e UNESP). Após esse momento serão explicitadas quais as concepções que se tem hoje do componente Educação Física.

O capítulo 3 tem por objetivo fazer uma análise crítica do documento Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1997) de Educação Física, devido a necessidade de questionamentos que este material implica. Constata, portanto que o mesmo embute muitas ideologias em suas entrelinhas, além de também ter o poder de nortear, por meio do ilusório termo “parâmetro”, as práticas educacionais de todo o país.

Por fim, serão descritas as considerações finais, enfatizando as contribuições deste trabalho, como também realçando a importância de um trabalho que analise tal componente, pois, como constatou-se é algo inédito no âmbito da pedagogia.

Introdução

O presente trabalho tem como objeto de análise o componente curricular Educação Física. Desse tema surgiu a problemática de pesquisa que tinha como intuito desvendar em que medida a falta de identidade pedagógica desse componente coloca-o hierarquicamente inferiorizado em relação aos demais.

Historicamente a Educação Física na escola não revela uma identidade pedagógica, o que tem contribuído para que ocupe uma posição de inferioridade frente aos diferentes saberes que compõem a estrutura curricular.

Acredito ser de extrema relevância um trabalho que tem como intuito desmitificar a hierarquia de saberes existente no currículo escolar, questionando-a a partir da historicidade dessa diferença presente nas relações entre os componentes que, por sua vez, vem a compor a grade curricular. Proponho-me, então, questionar essa hierarquia frente ao enfoque de como é concebida a Educação Física no âmbito da instituição escolar.

Tendo como hipótese a existência dessa hierarquia disciplinar na escola, faz-se necessário explanar sobre os pressupostos que nortearam meu projeto de pesquisa. Sendo assim, exponho que minha preocupação com o descaso para com o componente curricular Educação Física começou quando iniciei meu estágio supervisionado. *(sendo este de realização necessária para a conclusão do curso de pedagogia)*.

No estágio percebi que esse componente é trabalhado de forma desconsiderada, não lhe dando seu real valor, ou seja, a Educação Física limita-se a desenvolver algumas atividades realizadas com desleixo por grande parte dos profissionais¹, compreendendo apenas um momento para “entreter” a criança e, simultaneamente, para mantê-la fora da sala de aula. Devido a isso, e também por ser futura pedagoga, passei a questionar *os porquês* desse tratamento.

¹ Cabe aqui, fazer uma ressalva, pois esses/as profissionais que estão lecionando para as séries iniciais do ensino fundamental (1ª à 4ª séries) têm que ministrar aulas de Educação Física e Educação Artística. Agora questiono, com que competência? Com que embasamento teórico esse/a profissional vai trabalhar? Será que sua formação acadêmica oferece conhecimento sobre esses componentes?

Além do mais, essa idéia é defendida por GOODSON (1998: p. 37) quando cita que algumas áreas procuram melhoria de status, tornando-se mais próximas ao estilo acadêmico dos componentes que são dignamente reconhecidos. Então argumenta que:

...“A atuação através da distribuição padronizada de recursos representa um processo de ‘tendência acadêmica’ que angustia os subgrupos que promovem as matérias escolares. Por isso, áreas tão diversas como as de trabalho em madeira e metal, educação física, arte, estudos técnicos, contabilidade, costura e economia doméstica têm procurado melhoria de status, defendendo uma intensificação de exames e habilitações no estilo acadêmico”.

Portanto, para a Educação Física ser reconhecida como uma disciplina de status, a mesma tem que se submeter a uma padronização acadêmica, pois suas próprias características a colocam em posição inferior na hierarquia de saberes.

Ressalto contudo que um outro aspecto que levou-me ao questionamento dessa área, foi o fato de que as leituras são escassas sobre o que eu me propunha a pesquisar. Poucos/as autores/as relatam e vão em oposição a essa hierarquia de saberes existentes no âmbito escolar, realçando a Educação Física como sendo de igual valor/peso frente aos demais componentes.

Justifico este trabalho como sendo um desencadeador de idéias, que gere conscientização por parte dos/as futuros/as pedagogos/as para que não tenham seus pensamentos enfiados frente aos componentes curriculares, considerando que uns são mais importantes e, conseqüentemente, recebem maior ênfase do que outros.

Visto que este trabalho tem como princípio alertar a formação dos/as educadores/as, cabe esclarecê-los e buscar as possíveis causas dessa hierarquia de saberes, a fim de que esses/as futuros/as educadores/as estejam conscientes e não contribuam para com a reprodução do *status quo*.

Considero também ser de grande valia elaborar um trabalho dessa natureza, com essa temática, isto é, um trabalho de conclusão de curso (TCC), pois no campo da pedagogia não se encontra nenhuma pesquisa que retrata o componente curricular Educação Física e, muito menos, que dê a devida importância a este. Então, resolvi fazê-lo por ser algo inédito, sempre buscando o esclarecimento das possíveis causas do **descaso** para com esse componente.

Justifico ainda, que busco com este trabalho esclarecer que o componente curricular Educação Física compreende uma parte integrante de uma totalidade que, por sua vez, chamo aqui de grade curricular.

Essa parte, como friso, concebo-a como integrante, pois funde-se aos demais componentes sem discriminá-los, nem julgá-los como sendo “mais” ou “menos” importante. Esse pensamento também está presente nas concepções de SOARES, ESCOBAR e TAFFAREL (1993: p. 214) que acreditam que:

... “O ensino de matemática, de língua, ciências, história, geografia, educação artística ou Educação Física, portanto, somente se justifica se contribuir, enquanto parte, para a compreensão da realidade como totalidade.”

Com base nestas idéias, tenho como embasamento teórico o pensamento do educador SNYDERS (1988: p. 229), que em suas obras enfatiza que as disciplinas (numa linguagem atual - componentes curriculares) têm que receber o mesmo valor, sendo assim, realça que o papel das atividades físicas e das artes precisa ser mais acentuado, visto que estes componentes, segundo o pensamento desse autor, encontram-se num patamar inferior se comparado com os demais. E para que essa situação não fosse reproduzida:

... “exigiria que todas as matérias devendo ser estudadas por todos, fossem efetivamente valorizadas - e por todos; tal que não se conceba uma prioridade esmagadora a idéia, com o risco de eliminar tal outro, isto é, na verdade tais alunos:

*principalmente dar um lugar real ao trabalho técnico, às artes, às atividades físicas”**.

Tendo como princípio este pensamento, mesmo sendo aluna do curso de graduação em pedagogia faço uma crítica aos/as futuros/as e atuais pedagogos/as. Estes/as, em sua maioria acabam por reproduzir essa diferenciação quando determinam que o tempo pode ser “melhor” ou “mais utilmente” aproveitado do que com os componentes “Educação Física e Educação Artística”. Estes acabam sendo encarados como de caráter prazeroso e, às vezes, recebem o estigma de atividades “menos intelectualizadas”. Por isso cito ainda SOARES, ESCOBAR e TAFFAREL (1993: p. 214) que confirmam que:

...“Ocorre que a escola tem privilegiado, historicamente, conteúdos escolares que se ligam diretamente ao mundo produtivo, julgando assim, “aproveitar” melhor o tempo da criança na escola, especialmente no ensino fundamental. Esse argumento tem sido utilizado por pedagogos dos mais diferentes matizes teóricos e ideológicos para justificar a retirada da Educação Física e da educação artística do conjunto de componentes curriculares”

Sendo futura pedagoga constato em minha prática como docente que a maioria dos/as pedagogos/as dão mais ênfase às disciplinas ditas “intelectualizadas”. Porque isso ocorre? Quais motivos levam esses/as profissionais a terem tal comportamento? Essas são algumas indagações que pretendo refletir e analisar com esse trabalho.

É por meio desta visão que pretendo discutir o componente curricular Educação Física concebendo-o como consciente, crítico e com possibilidades de atuação na sociedade, um componente curricular que tem a expressão corporal como

* Grifos meus. (G. P.)

linguagem. Assim, finalizo com o pensamento dessas autoras (1993: p. 218), firmando que...

...“A Educação Física escolar [...] não terá como preocupação o aprimoramento e o desenvolvimento de diversas habilidades em si, mas sim em relação às atividades concretas do universo da cultura corporal”.

1 - A Historicidade da Educação Física

*“O passado não reconhece o seu lugar,
está sempre presente”*

(Mário Quintana)

Com um trabalho desta categoria, envolvendo o componente curricular Educação Física, houve necessidade de constatar como este foi sendo concebido pela instituição escolar desde que o mesmo passou a ser incorporado pelo currículo da escola, isto é, desde a implementação do parecer de Rui Barbosa em 1882, o qual foi responsável pela implantação desse componente. Desde então, já era notório a presença de um caráter higienista e eugenista na educação. Para tal, ou seja, para a realização de um estudo historiográfico foi preciso ir um pouco mais a fundo e pesquisar quais as origens da Educação Física.

Com base nos estudos de BRACHT (1992: p. 17) pude perceber que a Educação Física ainda está buscando sua autonomia pedagógica, isto é, está almejando compreender sua própria estrutura independentemente das influências por ela recebidas. Assim como nos explicita este autor, tal componente não assumiu sua verdadeira identidade. Sempre foi assumindo posturas diferenciadas frente à instituição onde era ministrado. Sendo assim, como este próprio autor cita:

... “a Educação Física em se realizando na instituição educacional, presume-se, assume o estatuto de atividade pedagógica e como tal, incorpora-se aos códigos e funções da própria escola. Assim sendo, parece-me que a Educação Física, no Brasil, vai desenvolver sua identidade (?), seus códigos, a partir da relação que estabeleceu/estabelece com um meio ambiente que compreende, fundamentalmente, a instituição escola, a instituição militar e a instituição esporte.”

Isso quer dizer que, com o decorrer dos anos, a Educação Física vai incorporando e assumindo as marcas da própria sociedade onde está inserida. Também

defendendo esta concepção cito CAPARROZ (1997) que concebe que este componente se modifica mediante mudanças ocorridas na sociedade.

Segundo esse autor a marginalidade em que se encontra o componente curricular Educação Física no currículo é dada mediante as influências por este recebida, sendo elas: militar, médica, desportiva e por fim, assumindo um caráter tecnicista. Torna-se oportuno em minha pesquisa explicitar quais foram as marcas dessa historicidade.

As influências externas recebidas pela Educação Física aqui no Brasil remontam do Império até a República, isto é, são emergentes dos séculos XVIII e XIX vindo a desencadear no que se tem atualmente, sendo seqüencialmente expostas a seguir. Contudo, cabe ressaltar que esses períodos de influências recebidas pela Educação Física não são estanques. Nos anos de transição de um período para outro percebe-se a constatação de duas ou mais áreas influentes simultaneamente.

1. 1 – A Influência Militar

No Brasil a influência militar remonta das últimas décadas do século XIX e das primeiras décadas deste século. Originou-se do método francês, no qual o/a professor/a era o/a instrutor/a e o/a aluno/a era o/a recruta, ou seja, baseado e centrado na prática de exercícios em que se priorizava a questão da disciplina e da hierarquia sendo que esses papéis jamais se alternavam. Isto quer dizer que os/as professores/as sempre ordenavam e os/as alunos/as sempre executavam.

Essa influência, marcadamente com traços biológicos, caracterizou a Educação Física e teve apoio da Escola Nova² em sua instauração, sendo principalmente defendida por Fernando Azevedo³.

Fernando Azevedo foi um intelectual que enfatizava em seu discurso um vínculo muito grande com o movimento eugenista brasileiro (cf. SOARES, 1994). Além de realçar no ensino de Educação Física uma crença nos aspectos da eugenia, simultaneamente revelava uma preocupação “pedagógica” que consistia em traduzir para a sociedade, de uma maneira bem clara, a importância da dimensão da Educação Física.

Esse autor contribuiu com suas idéias para a legitimação e apreciação da disciplina de Educação Física, frente ao campo científico, contudo estas contribuições tiveram repercussões sob outros enfoques. Assim sendo, SOARES (1994: p.151) nos cita que:

...“Esta ‘busca de status científico’ para a Educação Física pode ser tratada como via de mão única e positiva, em si,

² Escola Nova ou escolanovismo refere-se ao modelo educacional que teve como precursor o filósofo John Dewey (1859-1952) este tornou-se um dos maiores pedagogos americanos. A influência desse pensamento traz a esperança de democratização e de transformação da sociedade por meio da escola. Reage ao individualismo e academicismo da educação tradicional, propondo a renovação das técnicas e a exigência da escola única, obrigatória e gratuita. (In: ARANHA, Maria Lúcia de Arruda, História da Educação, 1989).

³ Fernando Azevedo foi aqui no Brasil um dos defensores e propagadores do ideário da Escola Nova no Distrito Federal em 1928. Foi um pedagogo que defendeu que a fisiologia deveria ser o ponto central nas aulas de Educação Física. Era um eugenista, pois tinha em seu pensamento o intuito de assegurar, com eficácia, a melhoria da raça humana. Este autor também lança em 1916 o livro: “Da Educação Física: O que ela é, o que tem sido e o que deverá ser”.

porém científica. Se de um lado esta busca contribuir para conferir credibilidade e aceitação para a Educação Física, quer seja no âmbito escolar, quer seja fora dele, de um outro lançou bases para a elaboração de uma concepção de Educação Física biologicista e mecanizada, tendo, portanto, como objeto de trabalho, um corpo biológico destituído de historicidade”.

Além de tudo, essa Educação Física aqui primada tinha um caráter conservador, inserida num movimento pedagógico da época denominado escolanovista e que representava também os interesses do pensamento médico e militar, interesses esses que enfatizavam a eugenia, a higiene, a saúde e a própria preparação para o serviço militar.

Esta Educação Física, assim concebida, assumia um papel importante no Brasil, pois estava associada a legitimação do enaltecimento do desenvolvimento da aptidão física como algo responsável pela capacidade de **produzir** da população, principalmente da classe trabalhadora que poderia contribuir para com o progresso do país, almejando que este se transformasse numa futura potência.

Com o intuito de legitimar o “status científico”, Fernando Azevedo corroborou para com a concepção de uma Educação Física sob um outro viés que reforça o biológico em detrimento do histórico. A partir desse enfoque começa a surgir um novo movimento frente a esse componente curricular.

Dessa forma, nos anos 30 e 40 deste século houve as primeiras intenções em formar escolas civis de formação de professores/as, indo contra a tudo apresentado anteriormente, passando, por sua vez, a dar início ao processo que como define BRACHT (1992) pode ser chamado de “desmilitarização” da Educação Física.

1. 2 – A Influência Médica

É possível dizer que esta estava ligada à influência militar, visto que a Educação Física e a medicina são áreas bem próximas e tinham também como princípios os aspectos eugenistas e higienistas. Além disso, como nos diz BRACHT (1999: p. 73):

...“Educar o corpo para a produção (militar) significa promover saúde e a educação para a saúde (hábitos saudáveis, higiênicos). Essa saúde ou virilidade (força) também pode ser e (foi) ressignificada numa perspectiva nacionalista/patriótica”.

Dessa forma, nos anos 30 e 40 a Educação Física, enquadrando-se no contexto da época, priorizava uma ideologia positivista em que a ordem e o patriotismo eram recalcados. Este componente assumia também um caráter utilitário, pois tinha como fim ser propedêutico, isto é, preparar para algo.

Percebe-se também pelos estudos de CAPARROZ (1997) que esse componente também incorpora a diferenciação de gêneros, pois a educação física feminina tinha como intuito preparar as futuras mães para serem capazes de gerar uma prole saudável. Já a educação física masculina visava contribuir para com a formação de um trabalhador saudável.

Dessa forma, o caráter médico, paulatinamente, abre margem e passa a sobrepor o pedagógico. A educação ao privilegiar o orgânico, o a-histórico, acaba por recusar seu caráter de disciplina pedagógica.

O viés de encarar a Educação Física sob o enfoque extremamente biológico, ou seja, concebendo o ser humano somente como um “instrumento físico” para o progresso da nação e, conseqüentemente, avaliando-o mediante a aptidão física, paulatinamente foi se associando à perspectiva desportiva. Ambas concepções desse componente curricular, tanto médica quanto desportiva, têm esse ponto em comum. Diante disso, BRACHT (1999: p. 76) complementa essa idéia, quando expressa que...

... “Como os princípios eram os mesmos e o núcleo central era a intervenção no corpo (máquina) com vistas ao seu melhor funcionamento orgânico (para o desempenho atlético-esportivo ou desempenho produtivo), o conhecimento básico/privilegiado que é incorporado pela Educação Física para a realização de sua tarefa continua sendo o que provém das ciências naturais, mormente a biologia e suas mais diversas especialidades, auxiliadas pela medicina, como uma de suas aplicações práticas.”

Falava-se, então, na educação integral do indivíduo, primando sobretudo o desenvolvimento da aptidão física.

1.3 – A Influência Desportiva

Após a segunda Guerra Mundial, isto é, nos anos 50 deste século, surge uma linha que também passava a influenciar a Educação Física. Esta foi denominada Desportiva.

Tinha como característica conceber o/a professor/a como um/a treinador/a e o/a aluno/a como um/a atleta. Com essa visão extremista, foi sendo cada vez mais valorizado aspectos como: rendimento, recordes, competitividade, altos índices físicos e performance.

Neste período que estava em voga tais fatores, os “talentos esportivos” que fossem descobertos nas escolas eram muito valorizados. Há, então, a ocorrência de preconceitos no campo educacional, pois valoriza-se esses indivíduos ditos “talentosos” em detrimento dos demais alunos *comuns* que participam das aulas sem performances extraordinárias.

Frente a isso BRACHT (1999 op. cit.) novamente contribui quando defende que esta nova concepção da Educação Física, que traz resquícios também da influência médica, busca explicitar que o pensamento da época restringia-se especificamente aos fatores biológicos (aumento da resistência, aumento da força, vida regrada...) Esses aspectos, contudo, contribuíram para...

...“Uma nova pedagogia da Educação Física que incorporou, sem necessidade de mudar seus princípios mais fundamentais, essa “nova” técnica corporal, o esporte, agregando agora, em virtude das intersecções sociais (principalmente políticas) desse fenômeno, novos sentidos/significados, como, por exemplo, preparar as novas gerações para representar o país no campo esportivo (internacional). Tal combinação de objetivos fica muito clara no conhecido Diagnóstico da Educação Física/Desportos, realizado pelo governo brasileiro e publicado em 1971”.

(BRACHT APUD COSTA, 1971)

Desta pedagogia excludente, resultava o objetivo de formar campeões na escola. Com isso além dos esportes, outras atividades também foram, paulatinamente, sendo esportivizadas, como por exemplo, a capoeira, o judô, o caratê...

1. 4 – O Caráter Tecnicista

Surge nos anos 60 e 70 do século corrente uma Educação Física no Brasil reconhecida por seu caráter tecnicista. Neste período este componente passa por reducionismos que enviesaram a ótica de análise do mesmo. Nem o/a professor/a, nem o/a aluno/a eram importantes para o ensino. Primava-se pelos planejamentos e pelas tecnologias que vinham a ser utilizadas para a realização das aulas.

Dessa maneira, toda criatividade, espontaneidade, e o próprio caráter lúdico, dá lugar aos exercícios físicos mecânicos e técnicos, que transformam o/a aluno/a num simples reproduutor/a de modelos pré-estabelecidos.

Aqui faço uma ressalva da Educação Física concebida como uma área sob influência da psicomotricidade. Essa linha de pensamento que encara a Educação Física como um *instrumento* perdura até os dias atuais, o que torna-se, muitas vezes, responsável pelo viés que esse componente curricular tem recebido que é a de uma área marginal que poderá contribuir para com a “facilitação” do aprendizado dos conteúdos dos demais componentes, auxiliando nessa aprendizagem. O professor, aqui, passa a ter uma preocupação com o pedagógico (de outros componentes, claro!).

SOARES (1996: p. 10) confirma essa abordagem quando nos diz que:

...“O discurso e prática da Educação Física sob a influência da Psicomotricidade, coloca de modo nunca antes visto a necessidade do professor de Educação Física sentir-se um professor com responsabilidades escolares, pedagógicas. Busca desatrelar sua atuação escolar dos cânones da instituição desportiva, valorizando o processo de aprendizagem e não mais a execução de um gesto técnico isolado. Muito bem, se de um lado isto foi extremamente benéfico, de um outro foi o início de um abandono do que era específico da Educação Física, como se o que ela ensinasse de específico fosse, em si, maléfico ao desenvolvimento dos alunos e a sua inserção na sociedade”.

Podemos dizer que o exercício mecânico repetitivo do esporte dá vazão ao exercício mecânico pedagógico, o que, todavia, empobrece a concepção da Educação Física e também acaba por desconscientizar os/as aluno/as.

BRACHT (1999: p. 79) ainda complementa e expõe que:

... “[...]a chamada psicomotricidade, ou educação motora, que exerceu grande influência na Educação Física brasileira nos anos 70 e 80. Influência esta que está longe de ter-se esgotado [...] Esta proposta vem sendo criticada exatamente porque não confere à Educação Física uma especificidade, ficando seu papel subordinado a outras disciplinas escolares. Nessa perspectiva o movimento é mero instrumento, não sendo as formas culturais do movimentar-se humano consideradas um saber a ser transmitido pela escola”.

Ressalto que essa chamada psicomotricidade está muito forte nos dias atuais principalmente devido ao fato de que os próprios documentos emitidos pelo MEC/SEF (no caso os PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais) realçam a terminologia sob esta influência, utilizando como sinônimo de Educação Física, aprendizagem motora, desenvolvimento motor, habilidade motora, conduta motora, motricidade, motricidade criativa ... Esse é um dos aspectos que pretendo analisar mais criteriosamente no capítulo 3 deste trabalho.

Em suma, tentando sintetizar todos esses períodos influenciadores da Educação Física, cito MENDES, SOUZA e VAGO (1997: p.121-2) que explicitam os anos 80 como um período em que esse componente entrou em crise, buscando sua identidade pedagógica. Esses autores também elaboram de forma bem sumária a trajetória da historicidade da Educação Física. Portanto citam que:

... “A década de 80 foi decisiva para o ensino da educação física no Brasil. Uma época em que seus alicerces foram abalados [...]. Questionaram-se as influências médicas e

miltares que marcaram a sua inserção nas escolas, em finais do século passado e na primeira metade deste, fazendo-a portadora de idéias e de práticas de higienização e disciplinarização dos corpos, [...] – uma educação física domadora de corpos humanos. Questionaram-se as suas articulações com teorias raciais que propugnavam a melhoria da raça – um educação física produtora de uma raça forte e enérgica. Questionou-se a sua mais completa submissão, após a Segunda Guerra Mundial, aos princípios do esporte de rendimento [...] – uma educação física como celeiro de atletas. Questionou-se a sua adesão à psicomotricidade, que permanece ainda hoje [...] – uma educação física como terapia escolar. Questionou-se, ainda, a sua compreensão de corpo humano, reduzido à dimensão biológica, um feixe de músculos para treinar, uma máquina, cujo ensino surge como instrumento de melhoria da aptidão física dos alunos e das alunas – uma educação física promotora apenas da saúde biológica e individual.”

Diante disso, faz-se necessário delimitar a Educação Física como componente curricular, buscando sua legitimação e primando por sua especificidade. Isso é o que o próximo capítulo tem como intuito especificar. Porém antes disso será apresentado um quadro sinóptico da trajetória do componente frente a sua historicidade.

Quadro Sinóptico da Historicidade da Educação Física

Final séc. XIX e início séc. XX	<u>Anos</u> 30 e 40	<u>Pós-guerra</u> Anos 50	<u>Década</u> De 70	<u>Anos</u> 80	<u>Hoje</u> Final séc. XX
Influência Militar: Eugenia – Saúde – Higienea Professor/Instrutor <u>Aluno/Recruta</u>	Influência Médica E Influência Militar - Orgânico - A-histórico - Patriotismo - Prole saudável - Trabalhador saudável	Vai sendo incorporada a Influência Desportiva <u>Professor/Treinador</u> Aluno/Atleta - Rendimento - Recorde - Índice - Performance - Competitividade	Sob a ótica da psicomotricidade - Ed. Motora - Atos mecânicos - Ed. Física Instrumental	A Educação Física entra em crise	Está em busca de sua identidade, redescobrando seus objetivos, conteúdos, e almejando seu reconhecimento frente aos demais componentes. Em busca também da superação da Hierarquia do Saber Escolar.

2 – A Educação Física como Componente Curricular

*“Outros que virão depois de
nós mais pacientes,
mais tenazes . . .
Eles terão como apoio
o canto que foi cantado
quando foi a nossa vez.
Sei que tudo a minha volta é vontade
De ir mais longe, de viver mais”*

(Sphère Guillevic)

2.1 – Primeiras Aproximações – a Legitimidade da Educação Física

Diante de todas essas influências recebidas pelo componente Educação Física, desde que o mesmo foi incorporado à grade curricular de ensino, faz-se necessário explicitar como ele é concebido hoje. Que influências são responsáveis pela posição assumida por esse componente na hierarquia do saber escolar⁴. Diante desse questionamento, abordarei as linhas de pensamento de alguns autores para elucidar, da melhor forma, o tema que pesquiso.

Hoje, o componente curricular Educação Física, é encarado provisoriamente, como assim define o COLETIVO DE AUTORES (1992: p. 50), como:

...“uma prática pedagógica que, no âmbito escolar, tematiza formas de atividades expressivas corporais como: jogo, esporte, dança, ginástica, formas estas que configuram uma área de conhecimento que podemos chamar de cultura corporal”.

Sendo assim, este componente deve propiciar uma aprendizagem ampla que mobilize aspectos afetivos, sociais, éticos e da sexualidade.

Mas, como esses/as próprios/as autores/as afirmam, embora que provisoriamente, não há uma definição propriamente dita do que seja a Educação Física.

⁴ No ANEXO I encontra-se o esboço do quadro da atual hierarquização dos saberes escolares no currículo escolar.

Dessa forma, o campo de ação desse componente ainda está limitado ao local onde ele é ministrado, e esse local, por sua vez, acaba por incorporar as influências recebida durante todo o tempo de sua existência.

CAPARROZ (1997) compartilhando dessa mesma linha de raciocínio, vem nos dizer que a Educação Física precisou entrar em crise, passando por várias fases na história, sendo concebida de diversas maneiras, para buscar sua legitimidade, pois ainda não assumiu sua autonomia devido sempre assumir/incorporar o contexto da época. Desta forma, está também sempre lutando em busca de sua própria identidade.

Este autor também realça a importância de que esse componente tem que buscar sua cientificidade, pois todo nosso sistema de ensino está calcado na ciência (disciplinas científicas), e não uma pseudo-cientificidade, ou seja, a Educação Física precisa moldar-se no "padrões científicos" para ter valor. Assim sendo, lutará contra seu rebaixamento frente às demais disciplinas do currículo escolar, tendo como base um cunho científico para sua legitimação.

Como minha pesquisa atem-se ao âmbito escolar, torna-se relevante buscar as causas de como, a Educação Física é vista de maneira inferiorizada, na hierarquia do saberes escolares. É também de grande valia, procurar os possíveis modos de operar para que essa situação não seja perpetuada, tentando levantar formas inovadoras para o tratamento desse componente no futuro, que por sua vez, já começa neste presente momento.

Diante desse estudo, embaso-me novamente em CAPARROZ (1997: p.162) quando este expõe que, em seus estudos feitos com base nas obras que abordam a Educação Física nos anos 80, mostra que:

... "A demência dessa condição marginal é a base que leva os autores dos anos 80 a operarem saídas para a Educação Física, não só para superar a marginalização da área no currículo como também para produzir um acerto de contas com o passado. Este terreno constitui-se no ponto de partida para a discussão sobre a "verdadeira" identidade da área. Negando os elementos constituidores e conformadores da incorporação e

desenvolvimento da Educação Física como componente curricular, no seu passado e presente “imperfeitos”, essa geração passa a discutir o que deveria fazer o “futuro mais que perfeito” da área.”

Legitimando este caráter diferenciado cito que essa marginalização pode ser confirmada também pelo autor curricularista SACRISTÀN (1997: p. 39) quando defende a idéia de que:

...“As matérias constituem um padrão peculiar de tópicos/atividades. Há áreas que podem ser caracterizadas mais como atividades do que como tópicos (arte, educação física, etc.)”.

Uma das possíveis hipóteses de o componente curricular Educação Física não ser legitimado é porque esta área não é vista como ciência. Daí a existência de várias metodologias, metodologia de matemática por exemplo, metodologia de história... pois estas compreendem ciências. Já não existe, entretanto, a metodologia da Educação Física visto que esta não é uma ciência sob a ótica dos atuais curricularistas.

E como o novo currículo valoriza os saberes científicos a Educação Física passa a ser desprezada, sendo encarada como “mera atividade”.

Diante de tudo isso, é mister discutir, analisar e elucidar qual a visão de Educação Física que tem-se atualmente, ou seja, é notório a necessidade de buscar a legitimidade desse componente curricular, mediante sua identidade pedagógica. Cabe também reforçar, acima de tudo, a especificidade deste, com o intuito de não encará-lo como meio para a aprendizagem das demais áreas do saber escolar.

Em se tratando, portanto, da instituição escolar SOARES (1996: p. 7) reforça sua perspectiva em busca desse caráter autônomo da Educação Física Escolar, compreendendo seu conhecimento e sua especificidade. Para a autora:

...“A Educação Física está na escola. Ela é uma matéria de ensino e sua presença traz uma adorável, uma benéfica e restauradora desordem naquela instituição. Esta sua desordem é portadora de uma ordem interna que lhe é peculiar e que pode criar, ou vir a criar uma desordem na escola.

Para realizar esta tarefa, a Educação Física deve sobretudo, preservar, manter e aprofundar a sua especificidade na escola”.

Essa “desordem”, isto é, esse caráter diferenciado que implica na utilização de um espaço estrutural também diferenciado é, talvez, uma das causas que este componente seja tão marginalizado. Dentro disso, o COLETIVO DE AUTORES (1992: p. 38) explicita que as atividades desenvolvidas nessa área são específicas.

...“Quanto à questão do espaço, o tratamento dado ao conhecimento nessa área articulado organicamente à organização do tempo, exige que na escola se construam espaços diferenciados das outras disciplinas. As aulas de educação física são ministradas exclusivamente em espaços livres: quadras, campos, terrenos, e, na ausência destes, em praças e clubes situados nas imediações das escolas”.

Cabe fazer um adendo de que a Educação Física é um componente com características diferenciadas (como por exemplo o espaço físico), mas nem por isso deveria ser tão marginalizada e, muitas vezes, chegando até a ser excluída/ignorada do projeto político pedagógico da escola. Ou seja, tem-se a impressão que esta é um “caso a parte” e que não precisa ser integrado, num trabalho conjunto, junto com os demais componentes do currículo escolar.

O domínio da Educação Física numa concepção atual não se revela exclusivamente no campo biológico, mas sobretudo, no histórico e no social. Assim sendo, como expõe SOUZA e VAGO (1997: p.140) a Educação Física não é:

... “Nem domadora de corpos humanos, nem produtora de uma raça forte e enérgica; nem celeiro de atletas; nem terapia escolar; nem promotora de uma saúde estritamente biológica. Pensamos numa Educação Física que não está preocupada em produzir “corpos esculturais”, mas em participar da construção dos “corpos culturais” das crianças, dos adolescentes, dos trabalhadores, enfim dos homens e das mulheres, que com eles sentem, pensam, desejam, sofrem, agem, produzem, brincam, jogam...”.

O que temos hoje, depois da crise de identidade sofrida por esse componente na década de 80, é a concepção de que a Educação Física deve partir de práticas ditas “abertas”, embutindo um caráter político, com relevância social. Desse modo, há críticas às aulas tradicionais, cujo movimento girava em torno da relação : professor/a – ensina (manda), aluno/a – aprende (obedece).

Cabe aqui fazer uma ressalva, que após essa “crise de identidade”, muitos/as profissionais começaram a trabalhar de forma espontaneísta, isso significa que com o *boom* da pedagogia “aberta”, perdeu-se os conteúdos, os critérios de avaliação, os objetivos... Enfim, tudo era válido, nesta concepção *oba-oba* da educação. Não havia critérios pormenorizados para a prática do componente Educação Física .

O que enfatizo, é que a pedagogia deve ser “aberta” sim, mas não “escancarada”, ou seja, é preciso delimitar metas e objetivos e desenvolver todo esforço possível para realização desses, contando também com o maior comprometimento possível. Cito, portanto, BRACHT (1992: p. 24) quando demonstra que torna-se imprescindível salientar que:

... “a questão dos objetivos – conteúdos (métodos de ensino) da Educação Física, é um dos pontos centrais do desenvolvimento da sua identidade pedagógica, que no entanto, tem sido

negligenciada enquanto tema pela investigação em Educação Física no Brasil, ou quando muito discutida assistematicamente.”

É necessário um novo ensino de Educação Física, um novo modo de abordar seus conteúdos, incorporando aspectos culturais, sociais e históricos relevantes para a formação das novas gerações. Ainda assim, MENDES, SOUZA e VAGO (1997: p.139) primam por:

...“Um ensino da Educação Física que possa participar da produção da cultura escolar, com um tempo e um espaço de conhecer, de provar, de criar e recriar as práticas corporais produzidas pelos seres humanos ao longo de sua história cultural, como os jogos, os brinquedos, as brincadeiras, os esportes, as danças, as formas de ginástica, as lutas. Fazendo isso, o ensino da Educação Física se configura como um lugar de produzir cultura, sendo os professores e os alunos os sujeitos dessa produção”.

Concomitante a esse pensamento cito novamente BRACHT (1999: p.81) que complementa expondo que:

...“Para realizar tal tarefa é fundamental entender o objeto da E. F., o movimentar-se humano, não mais como algo biológico, mecânico ou mesmo apenas na sua dimensão psicológica, e sim como fenômeno histórico-cultural. Portanto, essa leitura ou esse entendimento da educação física só criará corpo quando as ciências sociais e humanas forem tomadas mais intensamente como referência. No entanto, é preciso ter claro que a própria utilização de um novo referencial para entender o movimento humano está na dependência da mudança do imaginário social sobre o corpo e as atividades culturais”.

Enfim, com o intuito de conscientizar os/as futuros/as profissionais da educação primo por essa nova concepção da Educação Física e que esta seja compreendida, trabalhada e incorporada na prática diária desses/as profissionais e, acima de tudo, que esta concepção seja alicerçada no âmbito escolar, criando raízes sólidas e duradouras, em busca da conquista da legitimação desse componente. Baseando-se na perspectiva histórico-cultural, valorizando sempre o ser humano.

Dessa forma, em minha função como possível elemento de conscientização dessa nova concepção da Educação Física, propago e compartilho as idéias de VAGO (1999: p. 44) quando afirma:

... “Creio que em todos esses âmbitos devemos insistir na defesa (e na prática) de um enraizamento escolar da educação física na cultura escolar como uma área do conhecimento responsável pela problematização e pela prática da cultura corporal de movimento produzida pelos seres humanos – e a escola foi e é um dos lugares dessa produção”. [...] E então a educação física pode ser também tempo e lugar de investigação e problematização da história de alunos e alunas encarnados e presentes na escola, que revela o conhecimento sobre as prática corporais da cultura que são portadores (as)...”.

* Grifos meus (G. P.)

2.2 - Análise da Grade Curricular dos Cursos de Formação de Professores/as

Tomando por base o texto da Nova LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira – nº 9.394), sancionada em 20/12/96, carece fazer uma ressalva no título V, cap. II, seção I, artigo 26:

“§ 3º — A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular da Educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos”.

Ressalto, portanto que o ensino da Educação Física é obrigatório na educação infantil e no ensino fundamental e médio (pois, estes compreendem a dimensão da Educação Básica). Justifico, então, por meio da legislação brasileira que o ensino desse componente curricular, tanto na educação infantil, como nas séries iniciais do ensino fundamental, fica a cargo dos/as próprios/as professores/as e pedagogos/as, ao invés de ficar com profissionais especializados/as, formados/as em Educação Física.

Preocupada com a formação desses/as futuros/as profissionais da educação, sendo eles/elas das séries iniciais do ensino fundamental e também da educação infantil, preocupei-me em analisar as grades curriculares dos cursos de pedagogia das universidades públicas do estado de São Paulo (USP/UNICAMP/UNESP⁵).

Com base nos guias curriculares dessas universidades do ano de 1998, constatei a inexistência ou a existência de poucas disciplinas obrigatórias que estejam relacionadas diretamente com a área de Educação Física. Há apenas algumas disciplinas ditas eletivas, ou seja, aquelas que os/as graduandos/as escolhem de acordo com seus interesses.

Uma das hipóteses que lanço mão sobre meu problema de pesquisa é que as próprias instituições universitárias que tem por objetivo formar os/as futuros/as

⁵ Respectivamente: Universidade de São Paulo; Universidade Estadual de Campinas e Universidade do Estado de São Paulo.

profissionais da educação acabam reproduzindo essa hierarquia quando em suas grades curriculares não são encontradas disciplinas obrigatórias específicas relacionadas ao componente curricular Educação Física, sendo que em outras disciplinas isso é uma constante.

Como por exemplo no curso de pedagogia da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP – do qual sou graduanda, encontrei: metodologia do ensino de ciências, metodologia do ensino de matemática, metodologia do ensino de história e geografia, metodologia da alfabetização..., mas não há menção alguma sequer sobre metodologia do ensino de Artes ou de Educação Física. À estas últimas são destinadas algumas e/ou poucas aulas que estão inclusas nas disciplinas de Prática de Ensino nas Séries iniciais de 1º grau (EP – 518) e Estágio Supervisionado I (EP – 200).

Vale ressaltar que com a reformulação do catálogo do curso de pedagogia da UNICAMP, que ocorreu em 1998, tal curso foi modificado/reestruturado e conta finalmente com uma disciplina que era de caráter eletivo e passou, dessa forma, a fazer parte do currículo obrigatório. Estou citando a disciplina, cujo código é (EP – 158) - Educação, Corpo e Arte. Contudo, especificamente sobre Educação Física para o ensino fundamental nada foi encontrado.

Dentre as eletivas oferecidas por esta instituição, no ano de 1998, estão as seguintes disciplinas: (EP – 448) - Atividades Corporais para Deficientes Mentais, (EP – 402) - Educação Física e Recreação do Pré-escolar e (EP – 524) – Psicomotricidade. Estas disciplinas estão sempre destinadas a atender às habilitações oferecidas pelo curso de pedagogia.

Fazendo novamente uma adenda sobre a psicomotricidade, venho ressaltar que o caráter marginal da Educação Física acaba sendo perpetuado e reforçado nesta própria universidade, contribuindo para que esta situação seja reproduzida, enviesando de tal modo a mentalidade dos/as futuros/as educadores/as.

A psicomotricidade que foi incorporada pela Educação Física brasileira nos anos 70 está cada vez mais viva atualmente, realçando um caráter que pode-se denominar neo-tecnista, isto é que concebe a Educação Física como um mero instrumento para auxiliar os demais componentes curriculares. O que ocorre, então, é

que a Educação Física vem dar uma “mãozinha” no ensino da matemática, da língua portuguesa, da história...

É incrível como tal discurso está enraizado em nossa formação e nem nos damos conta. A formação dos/as alunos/as está calcada nessa concepção enviesada. Daí o motivo desta pesquisa ser uma exceção, pois outros/as pedagogos/as recém-formados/as reproduzem e perpetuam essa situação porque não estão conscientizados dos malefícios que a mesma envolve.

Durante todo o curso de pedagogia não houve, em momento algum, espaços para debater os componentes curriculares de Educação Física e Artes, suas diretrizes gerais, seus conteúdos, seus objetivos, suas possíveis metodologias de ensino e, muito menos, colocou-se uma referência bibliográfica adequada sobre essas áreas de conhecimento. Além do mais, não há também na Faculdade de Educação um espaço físico adequado para se trabalhar com o Movimento e com as Artes. As aulas se restringem ao espaço de sala de aula, não possibilitando então, dinâmicas de aprendizagem desses dois componentes.

Isso acaba enfraquecendo a qualidade de formação dos/as novos/as pedagogos/as. Estes/as, por sua vez, terão, possivelmente, suas práticas enviesadas comprometendo a qualidade do ensino fundamental e educação infantil, visto que estes componentes passaram a ser obrigatórios nesses níveis de ensino, legitimados pela nova LDB, e ministrados por esses/as mesmos/as profissionais, que de certa forma, são “despreparados/as”.

Analisando agora o catálogo da USP – Universidade de São Paulo - faz-se pertinente expor algumas diferenças.

Partindo da constatação que esta instituição está reformulando o catálogo do curso de graduação em pedagogia, cabe ressaltar que estão ocorrendo mudanças na área curricular e finalmente no primeiro semestre de 1999 estaria prevista uma disciplina que desse o real valor ao componente curricular que enfatizo neste trabalho. Entretanto, não é específico da Educação Física.

A disciplina a ser oferecida era a (EDM – 335) que correspondia à Metodologia do Ensino de Arte e Movimento Corporal. Todavia, é interessante notar que já é um avanço, embora que pequeno. É de suma importância realçar também que

esta é mais uma universidade que tem em seu catálogo uma disciplina que prime por este componente, que é tão marginalizado no currículo escolar.

Por fim, tendo em mãos o catálogo de 1998 do curso de pedagogia da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista - UNESP - (Campus de Araraquara) faz-se necessário salientar que este não menciona em momento algum aspectos referentes ao componente curricular que pesquiso.

Neste catálogo foi encontrada apenas uma disciplina (DDA – 1265) que fica responsável pela Introdução aos Estudos de Comunicação e Expressão, Estudos Sociais e Ciências, que por sua vez, aborda também o ensino de Matemática. Não há menção alguma sobre Educação Física e Artes, devido a isso, perpetua-se a reprodução da hierarquia do saber escolar. Pode-se dizer que esses componentes foram escamoteados do currículo dessa universidade.

Frente a tudo isso, nota-se algo absurdo. É percebido que a Educação Física e Artes estão sendo totalmente desconsideradas mediante estes documentos curriculares que me propus a analisar. A formação dos/as professores/as fica enviesada, comprometida, pois os/as mesmos/as, na maior parte das vezes, nem tem consciência dessa problemática hierárquica, que não deixa de ser também de cunho ideológico.

Em suma, paulatinamente este componente analisado está tomando forças e lutando contra a estrutura curricular, a fim de receber seu devido apreço. Porém é percebido nesta pesquisa que essas modificações curriculares, embora existentes, ainda são em número pequeno, tendo a Educação Física então, um longo caminho a percorrer visando acabar com essa hierarquia de saberes.

Além disso, os/as profissionais envolvidos devem ter consciência que esta luta contra o sistema é um tanto árdua, contudo utopicamente, acredito que seja passível de transformação com resultados frutíferos, que possibilitem a igualdade de prestígio e reconhecimento de todos os campos do saber que compõe o currículo da educação básica⁶.

O componente Educação Física estrutura-se a partir das ciências biológicas, sociais, da filosofia e, sobretudo da cultura. Com essa argumentação explico que a

⁶ Conforme a lei 9394/96 são componentes curriculares obrigatórios do ensino fundamental os seguintes campos do saber: educação física, matemática, língua portuguesa, artes, ciências naturais, história e geografia.

Educação Física não é alienada/alienante (como muitos a compreendem), esta é ampla e envolve vários conhecimentos da humanidade. Diante disso, entendo que, como nos cita SOARES (1995: p. 136):

... “Ela (educação física) é uma prática social que trata de um dado conhecimento que se enraiza na atividade humana numa área que pode ser denominada de cultura corporal. Em sua história na cultura ocidental moderna, a educação física tematizou atividades corporais específicas como a ginástica, a dança, o jogo, o esporte, as lutas, buscando assim apreender a expressão corporal como linguagem”.

3 – Uma visão sobre o PCN de Educação Física

Nosso tempo

*“Este é tempo de partido,
tempo de homens partidos.
Em vão percorremos volumes,
Viajamos e nos colorimos.
A hora pressentida esmigalha-se em pó na rua.
Os homens pedem carne. Fogo. Sapatos.
As leis não bastam.
Os lírios não nascem da lei.
Meu nome é tumulto e escreve-se na pedra.[...]”*

(Carlos Drummond de Andrade)

Desde 1995 tem-se no Brasil o governo Fernando Henrique Cardoso. A política educacional desse governo desenvolve-se num contexto de elaboração e promulgação de uma nova LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação – 9394/96) que, por sua vez, veio a regulamentar a Educação Superior, a Educação à Distância, a Educação Profissional e criou o FUNDEF (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e Valorização do Magistério). Diante desse contexto, ou seja, de um governo que é marcado por uma série de reformas, tem-se também os materiais pedagógicos elaborados e fornecidos pelo MEC/SEF que, em âmbito nacional, estabelecem as diretrizes gerais da educação brasileira em seus variados níveis.

Esses materiais variam de acordo com os níveis de ensino. Foram lançados, por exemplo, os RCNs (Referências Curriculares Nacionais para a Educação Infantil) e os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental), entre outros. Estes, eufemisticamente, estabelecem um “currículo nacional mínimo” para a educação brasileira. Neste capítulo discursarei sobre os PCNs, restringindo meu foco de atenção ao PCN de Educação Física, que vem a ser o cerne deste trabalho.

O MEC/SEC organizou um material no ano de 1997, composto por dez volumes, tendo um documento introdutório (cujo teor é explicativo), sete volumes que envolvem as áreas curriculares e mais três que abordam os temas transversais que são adotados na educação brasileira (Ética, Meio-ambiente, Saúde, Pluralidade Cultural e Orientação Sexual). Esse material destinado aos/as professores/as do ensino fundamental foi distribuído gratuitamente por todas as regiões do país. Além disso, tal

material está calcado na Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira – LDB – nº 9394 de dezembro de 1996.

Este material compreende as diretrizes elaboradas com o intuito de aumentar a eficiência do ensino brasileiro. Além disso, os volumes são intitulados por parâmetros, estes por sua vez, sugerem a organização do ensino fundamental em ciclos e não mais em séries – os dois primeiros ciclos compreendem as quatro séries iniciais do ensino fundamental (1 – 1ª e 2ª séries e 2 – 3ª e 4ª séries) e os dois últimos ciclos, respectivamente, envolve as quatro séries finais (3 – 5ª e 6ª séries e 4 – 7ª e 8ª séries).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais estabelecem que tais diretrizes servirão de referência para reformulação do ensino fundamental, sendo que os mesmos auxiliarão o trabalho dos/as professores/as.

Frente a essa contextualização e antes de qualquer análise gostaria de mencionar que o componente curricular – Educação Física – é marginalizado também neste material (PCNs. – Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental) elaborado pelo MEC/SEF – Ministério da Educação e do Desporto e Secretaria do Ensino Fundamental –, visto que, coincidência ou não, os volumes desse material estão dispostos de acordo com a importância que o componente tem diante do currículo. Dessa forma, segue-se a hierarquia dos saberes escolares até mesmo nesta divulgação, reafirmando aquilo que questiono com este trabalho.

Assim sendo, a Educação Física, vem a ser o último componente a ser enfocado, compreendendo o volume de número 7, atrás de todos os demais componentes hierarquicamente dispostos, sendo eles: Língua Portuguesa (1), Matemática (2), Ciências Naturais (3), História (4), Geografia (5) e Artes (6). Porque se perpetua a reprodução dessa hierarquia? Quais as ideologias que estão implícitas nessa “ordem” que é sempre e incontestavelmente seguida?

Num trecho extraído especificamente do volume sete, ou seja, o de Educação Física (PCN-EF, volume 7: p. 24-5) há uma atenção especial voltada para a conscientização de como tal componente vem sendo tratado de forma marginal. Isto tem-se presente quando é abordado que:

...“Nas escolas, embora já seja reconhecida como uma área essencial, a Educação Física ainda é tratada como ‘marginal’, que pode, por exemplo, ter seu horário ‘empurrado’ para fora do período que os alunos estão na escola ou alocada em horários convenientes para outras áreas e não de acordo com as necessidades de suas especificidades [...] Outra situação que essa ‘marginalidade’ se manifesta é no momento de planejamento, discussão e avaliação do trabalho, no qual raramente a Educação Física é integrada”.

Cabe então ressaltar que a própria estrutura e organização desse material que, em seu discurso, prima pela não discriminação, pelo não preconceito, pela não marginalidade, vem legitimar a condição de inferioridade que se encontra o componente Educação Física quando segue, por exemplo, a hierarquia dos saberes escolares na disposição dos volumes do próprio material. A Educação Física é colocada ideologicamente em último lugar, pois, os demais volumes (8, 9 e 10) abordam os temas transversais os quais estão em voga em educação, sendo eles: Apresentação dos temas transversais e Ética (8), Meio Ambiente e Saúde (9) e Pluralidade Cultural e Orientação Sexual (10).

O presente documento tem como proposta ampla e genérica, na área da Educação Física, a busca da diversidade, tentando incorporar as dimensões afetivas, cognitivas e socioculturais dos/as alunos/as.

Pela perspectiva dos PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais - baseado no artigo da revista Nova Escola (suplemento nº 115, setembro/98: p. 33-6) tal componente é concebido como amplo e que tem por intuito mobilizar aspectos afetivos, sociais, éticos e da sexualidade. Relato aqui que neste artigo os PCNs não fazem menção sobre o campo *político*. Isso pode talvez ser uma das causas deste componente estar ocupando um lugar inferior numa hierarquia de valores.

Para que a discussão acima possa ser aceita, argumento que envolve toda uma concepção histórica de como este componente foi sendo considerado pela escola

durante anos. Hoje seguindo as idéias de CAPARROZ (1997: p. 21) acredito que para legitimar o seu lugar...

“Parece haver necessidade de politizar o debate acadêmico colocando assim a Educação Física em ‘harmonia com o movimento atual’. Assim emerge uma forte crítica ao ‘descompromisso político’ de que se impregnara à área ao longo de décadas”. É preciso então que a educação física busque, por meio de sua autonomia “...a superação de sua condição marginal frente as demais disciplinas acadêmicas e/ou curriculares/escolares, a superação de sua face alienante, despolitizada e conformista...”.

Só assim este componente receberia seu devido valor.

Mas de onde surge esse caráter marginal que é dado ao componente Educação Física? Quais os motivos que levam a discriminação desse componente? Será que este próprio material não reforça essa marginalização?

O Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte – CBCE⁷ – elaborou uma coletânea de artigos, que posteriormente foi publicado na forma de um livro, em que vários profissionais da área da Educação Física analisam criticamente a nova LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira) e os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais). Essa coletânea, que recebe o nome de: **“Educação Física Escolar Frente à LDB e aos PCNs: Profissionais analisam renovações, modismos e interesses”**, foi lançada em 1997, trazendo grandes contribuições para uma análise mais pormenorizada do tema em que pesquiso.

TAFFAREL (1997) nesta coletânea explicita que o documento em questão (PCN-EF) faz uma caracterização da área, faz menção de fatos históricos, expõe a crise

⁷ O CBCE é uma sociedade de caráter científico e cultural que foi fundada em 17 de setembro de 1978. Congrega profissionais e estudantes de diferentes áreas do conhecimento que possuem em comum o interesse pelo desenvolvimento das ciências do esporte. Além de promover e incrementar o estudo dos movimentos humanos como fenômeno biológico, neurocomportamental e sociocultural visa também veicular a produção do conhecimento nas áreas do esporte e manter intercâmbio com entidades nacionais e internacionais, zelando por normas éticas no desenvolvimento de pesquisas nesta área.

de identidade desse componente nos anos 80, mas não faz um balanço crítico dessa historicidade, nem faz também um levantamento bibliográfico estruturado, pois deixa de citar autores clássicos que pesquisam a Educação Física Escolar.

Assim, partilhando dessa mesma linha de pensamento tem-se o GTA – Grupo de Trabalhos Ampliados da Educação Física (1997) – que esclarece que este material, disfarçado de parâmetro curricular, foi uma forma camuflada de legitimar um “currículo nacional” elaborado em gabinetes e com a “participação” de alguns poucos escolhidos. (cf. p. 102).

Ainda acrescentam que faltou sobretudo (p.94):

...“A voz dos educadores e educadoras, sindicato de trabalhadores, fóruns científicos das áreas específicas, bem como Fórum Nacional em Defesa da Escola Pública”.

SOARES (1997: p.67) também co-autora dessa coletânea critica as referências bibliográficas utilizadas nos PCNs e acredita que esta foi insuficiente para abordar a historicidade da Educação Física. Cita que:

“...há no documento um “histórico” da Educação Física que reverte em história mal contada, com erros grosseiros de datas, número de decreto e, principalmente, de interpretação apressada (quando não preconceituosa) sobre fatos da história da Educação Física no Brasil. Tal “histórico” pode ser considerado um desrespeito à produção dos estudos historiográficos da área.”

Portanto, faz-se necessário uma análise criteriosa sobre os estudos historiográficos que autores gabaritados da Educação Física Escolar já realizaram, a fim

de não se cometer o equívoco de dar um tratamento aligeirado à vasta bibliografia encontrada⁸.

Indo mais além, constatei que o volume número 7 dos PCNs que compreende a área da Educação Física é o documento “mais fino”, ou seja, é o que possui menor número de páginas. Foi o único que não ultrapassou cem (100) páginas já incluindo a bibliografia utilizada.

Não quero aqui fazer nenhuma generalização de que quantidade implica numa melhor qualidade, mas já que esse material fez, como já explicitiei com a fala de alguns autores, um “histórico” tão apressado, aligeirando os dados, poderia, então, ter esta historicidade revista, sendo melhor embasada teoricamente, com argumentos mais condensados e esclarecedores, que pudessem, conseqüentemente, contribuir para com o enriquecimento desse material, ao contrário do empobrecimento do qual foi responsável.

Tenho como hipótese que este descaso para com as referências bibliográficas da área da Educação Física e sua historicidade acabam por refletir na sua marginalização e na legitimação desse *status quo*.

Ainda citando SOARES (1997: p.71), realço que esta autora levanta uma das possíveis causas sobre o descaso desse componente que seria...

...“Talvez o desprezo pela vasta literatura produzida e acumulada pela área da Educação Física e pela Educação em nosso país possa ajudar a explicar a inconsistência e a pobreza teórica do documento”.

Durante todo documento esta autora salienta que há uma filiação “quase” exclusiva da terminologia utilizada ser de cunho da psicomotricidade. Uma forma de conceber a Educação Física como instrumento para o auxílio dos demais componentes, como já analisei no capítulo 1 deste trabalho. São encontrados vários termos, como

⁸ Entre estes/as autores/as que trabalham com estudos historiográficos da E. F. temos: CASTELANI, Lino; SOARES, Carmen Lúcia; SOUSA, Eustáquia Salvadora; BRACHT, Valter; VAGO, Tarcísio Mauro, entre outros/as.

sinônimo de Educação Física, são eles por exemplo, os citados novamente por SOARES (1997: p.80):

... “aprendizagem motora, conduta motora, movimento corporal, conduta corporal, padrões de movimento, educação física, educação corporal, motricidade, motricidade criativa, gestos, cultura corporal, habilidades motoras, cultura do movimento, competência corporal.”

Diante disso, tenho como tese de que este documento, concebendo a Educação Física como “psicomotricidade”, corrobora com um aligeiramento de sua historicidade, além de também contribuir para uma visão marginalizada desse componente, reforçando a concepção tecnicista, que por sua vez, vem encará-la como um mero instrumento de apoio à disposição das demais áreas do conhecimento.

Quero levantar uma outra questão pertinente neste material que reforça o descaso para com essa área. Alguns/as autores/as do CBCE, entre eles/as, SOUSA, VAGO e MENDES (1997), levantam a questão da mudança de nome do componente curricular Educação Física. O PCN sugere a mudança de Educação Física para Educação Corporal.

O que os autores/as acima questionam é que essa discussão prolonga-se por longos anos e nada de concreto se alterou, contudo neste material, numa breve discussão, sem idéias aprofundadas, este já solicita tal mudança. Cito, portanto as idéias desses/as autores/as (1997: p.70) explicitando que:

... “Essa discussão que se prolonga há mais de dez anos no interior da áreas e não há por enquanto um acúmulo de idéias suficientes para uma decisão a respeito. E o documento, que se dispõe a fazer tal sugestão, limita-se a dizer em um único parágrafo que o termo “Educação Corporal” é defendido porque “esta proposta educacional transcende os aspectos

físicos do indivíduo, ao incluir suas dimensões afetivas, cognitivas e sócio-culturais”.

Explicito também que os objetivos desse documento são sempre genéricos e amplos, pois denotam entre outras coisas:

1. compreender a cidadania;
2. posicionar-se de maneira crítica;
3. conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro;
4. conhecer-se como integrante, dependente e agente transformador do ambiente;
5. questionar a realidade;
6. utilizar as diferentes linguagens; entre outros.

Indago aqui também se será que esses objetivos gerais e iniciais do Ensino Fundamental são coerentes com aquilo que é exposto posteriormente pelo documento? Questiono se não há nada de contraditório neste material?

Talvez a marginalização e a desvalorização do componente Educação Física, que é o cerne deste trabalho, tenha sido reforçada neste material quando em seus conteúdos não são relevados os aspectos críticos e históricos de maneira condizente. Sob um outro foco de análise, faz-se necessário abordar os conteúdos enfocados, estes por sua vez, são analisados também de forma apressada.

Assim sendo, toda proposta que busca a historicização dos conteúdos, que ficou em voga durante toda a década passada e a atual, devido a Educação Física buscar sua identidade pedagógica, “cai por terra”, ou seja, esta preocupação é anulada, pois esse aspecto (historicização) não recebe seu devido apreço.

Desse modo, TAFFAREL (1997: p.49), coloca que:

... “Desaparece aqui (PCNs) toda a proposta de historicização dos conteúdos que, há mais de uma década, vem sendo discutida e experimentada em proposições pedagógicas da Educação Física Escolar”.

Sobre esta questão também é pertinente o pensamento de SOARES (1997) que considera o documento em voga contraditório, pois sob sua perspectiva esse material tem um discurso inicial compreensivo que enfatiza a “relevância social dos conteúdos”, todavia, vem contradizer-se quando explicita que tais ‘conhecimentos contribuem para a manutenção e promoção da saúde, individual e coletiva e para que compreendam as implicações físicas e fisiológicas do trabalho’. (cf. PCN-EF, 1997: p. 14).

Diante disso, enfatiza-se novamente a questão médica cujo ápice encontra-se nos aspectos “físicos” e “fisiológicos”. Nota-se, então, que tal documento limita-se ao uso restrito e reduzido desses aspectos biológicos (realço aqui que muitas vezes também são enfocados sob uma ótica mecanizada), em detrimento de uma abordagem mais crítica que envolva toda problemática da historicidade do componente em questão.

Após essas discussões faz-se mister reavivar, acima de tudo, que são muitas as ideologias implícitas nos PCNs. Uma delas, a qual considero ser um agravante é o fato de que sob uma representação flexiva/norteadora e, muitas vezes, tida como democrática, o termo *parâmetro* torna-se contraditório quando este documento em suas “orientações gerais” e “orientações didáticas” estabelece quase que *receitas* de como ministrar as aulas de Educação Física Escolar. Pairam no ar as seguintes indagações: Se está falando de parâmetro, seria necessário toda essa minúcia em explicitar como dar uma aula? Seria necessário essa longa e extensa descrição prática? Não se está também embutido aqui a ideologia de enfatizar mais o lado *prático* em detrimento do enfoque histórico e crítico?...

Sendo assim, é de suma importância ter liberdade de opção política e científica na educação. Todavia, a centralidade dos PCNs, coopera para um movimento contrário à flexibilidade. Esse centralismo ideológico do governo, vindo sob a forma de um eufemismo, denominado “parâmetro”, tem por finalidade embutir um currículo nacional mínimo.

Assim, o PCN, como nos coloca o GTA (1997), é uma forma “revisionista” que o governo tem para controlar e estabelecer um currículo mínimo (cf.: p. 93). É, portanto, um abandono da democracia, contribuindo para com um retrocesso na educação.

Por fim, cabe a nós, futuros/as profissionais da educação, termos consciência dessas ideologias, e ficarmos alertas às armadilhas do sistema.

Últimas considerações

*“Fazer algo de novo é continuar o passado,
desenvolvê-lo, transformá-lo.”*

(Brecht)

Essas foram algumas questões que procurei responder no decorrer deste trabalho, a fim de tentar encontrar soluções alternativas e/ou hipóteses para as possíveis respostas ao meu problema inicial.

Encaminhando essa discussão CAPARROZ (1997: p. 147), que analisa a produção teórica da Educação Física dos anos 80 em seu trabalho, expõe que a marginalidade deste componente curricular dá-se mediante as influências que o mesmo recebeu durante sua história. Ele cita que:

...“o desenvolvimento da Educação Física como componente curricular, redonda em análises que explicitam a condição de marginalidade em que a Educação Física se encontra no currículo. Esse entendimento parece ser decorrência das críticas operadas em relação à influência externa, dada pelas instituições militar, médica e desportiva à Educação Física no interior da instituição escolar”.

Mediante essa afirmação coube, então, fazer uma análise da Educação Física e sua historicidade, constatando como foi compreendida no decorrer dos tempos.

Diante dessa análise que parte da historicidade, concebe-se a Educação Física como uma área que está caminhando em busca da sua autonomia. Concomitante a isso, percebi mediante pesquisas, que ela assume sempre o caráter da instituição onde é ministrada. Sendo assim, a Educação Física Escolar deveria ser diferente da Militar, que por sua vez, também se diferencia da Desportiva. A busca de autonomia pedagógica, portanto, implica na interação desse componente com a instituição escolar e suas respectivas funções.

Contudo, é necessário muita cautela para que a Educação Física na escola não venha ser apenas um mero arcabouço para o desenvolvimento de outros

componentes curriculares, tornando-se apenas um instrumento de ensino. Buscar autonomia pedagógica significa integrar-se à instituição escolar, sem, contudo, perder sua especificidade.

Baseados nos estudos de vários profissionais da Educação, e outros específicos do campo da Educação Física, foi possível perceber que, de fato, a Educação Física é vista com ar de inferioridade frente aos demais componentes.

Enfim, as diferentes marcas assumidas pela Educação Física escolar, hoje, contestam de tudo um pouco aquilo que já vivenciou, procurando encontrar/criar sua identidade, a fim de conquistar seu devido apreço na hierarquia de saberes do currículo escolar. A fim de legitimar essa hipótese cito novamente CAPARROZ (1997: p. 163) a partir do momento em que este autor vê que:

... “A busca de uma justificativa para a importância da Educação Física no currículo, tentando retirá-la da marginalidade, é operada com base em elementos externos à própria área”

Dessa forma, este componente galgando sua identidade, deve fixá-lo e firmá-lo, independentemente da época, do local ou da instituição onde ele for ministrado, para assim, receber seu devido reconhecimento.

Outro aspecto da pesquisa que deve ser ressaltado é aquele que diz respeito a importância que assume o caráter científico no campo pedagógico, o que, por sua vez, acaba valorizando cada vez mais os componentes curriculares calcados na ciência, firmando seu status. A Educação Física não é vista na Pedagogia como fruto do pensamento científico, o que, acaba por reiterar sua marginalidade no currículo escolar.

APPLE nos coloca que: *... “a centralidade das narrativas, das teorias e histórias na fabricação das identidades, e a invocação de argumentos ‘naturais’, genéticos, na construção de representações supostamente à prova de contestação são*

porque estão sustentadas por uma lógica “legítima” – a científica”.

(APUD, COSTA, 1998: p.62)

Sendo assim, a marginalidade continua se perpetuando devido ao fato de a Educação Física estar ainda distante do que é tido como parâmetro científico da Educação, ou seja, este componente diferencia-se dos demais devido suas próprias peculiaridades e especificidades. Estes fatores, além de diferenciá-lo, como já citei, também tem seu aspecto negativo, pois é responsável pelo estigma de que tal componente não precisa receber tanta ênfase no trabalho pedagógico das escolas, o que reforça a perpetuação da hierarquia dos saberes.

Cabe ainda ater-se ao fato de esse componente ser tido como inferior porque, têm-se como mito, que as atividades físicas não dão ênfase ao cognitivo, e como vivemos numa sociedade meritocrática, que funciona visando sempre o desenvolvimento cognitivo/intelectual, é criado um esteriótipo de que os demais componentes são mais importantes por enfatizarem esse aspecto, como julgam que a Educação Física não o faz.

E, por fim, legitima-se que a Educação Física é um componente de caráter inferior por não possuir uma identidade pedagógica. Esta identidade pedagógica está em processo de construção e um dos impedimentos desse processo pode estar ligado a questão dos objetivos e dos conteúdos não terem sido definidos e explicitados na organização da estrutura curricular desse componente.

Pode-se perceber com esse trabalho que a Educação Física é marginalizada. Entretanto, quando nos deparamos com as diretrizes curriculares nacionais vamos encontrar uma análise que, como nos explicita VAGO (1999: p. 43) que nos diz o seguinte:

...“Ademais, a mesma diretriz exige que todas (todas!) as áreas do conhecimento estejam articuladas em torno de um paradigma curricular estabelecido pelo Conselho Nacional de

Educação para nortear o ensino fundamental – é o paradigma da “Vida Cidadã”, com oito temáticas de referência...”.

O ideal portanto, consiste na elaboração de um novo currículo que desenvolva/trabalhe todos os componentes curriculares, tornando possível a compreensão de um sistema não compartimentalizado, com conhecimentos divididos por áreas estanques. O que acaba sendo primado infelizmente é o contrário do que foi descrito acima. Todavia, almeja-se um sistema que possibilite a junção de todos os componentes, fazendo emergir uma nova concepção paradigmática, com o intuito de qualificar o processo educativo, em que uma disciplina não necessite receber maior ênfase do que outra.

Essas mesmas diretrizes legitimam a obrigatoriedade da Educação Física conforme afirma VAGO (op. cit.: p. 40):

... “A perda de sua identidade como disciplina curricular – isto é, como portadora de um conhecimento a ser oferecido aos alunos – é o principal deles, do qual decorre seu alijamento das discussões que envolvem o conjunto das práticas escolares, que inviabiliza sua participação na formação dos alunos – torna-se um tempo à parte, um apêndice, ou um produto que a escola oferece aos alunos para atraí-los. A educação física continuaria figurando no currículo da escola, mas desfigurada de seu caráter de área do conhecimento”.*

Minha preocupação, então, não está em concluir essas idéias, pelo contrário, meu objetivo primordial é reavivar o questionamento da hierarquia dos saberes escolares, lançando acima de tudo, elementos essenciais para reflexão dos/as futuros/as profissionais da educação.

O *busilis* desta pesquisa consiste, então, em trabalhar a conscientização dos/as futuros/as pedagogos/as, explicitando que a Educação Física é um componente

* Grifos meus (G. P.)

de semelhante valor que os demais, com sua especificidade e suas peculiaridades, que simultaneamente a isso, busca sua identidade, sendo esta paulatinamente constituída⁹.

Não busco, todavia, encerrar esta discussão, mas reavivá-la, pois só existirá, de fato, uma mudança de concepção da Educação Física, se esta for abordada de forma coerente por todos/as, principalmente pelos/as futuros/as educadores/as.

Faço jus, portanto, no término deste trabalho, ao pensamento do educador ARROYO (1994: p. 21), que vem finalizar mostrando que:

*... “Somos seres corpóreos tanto quanto matemáticos.
Temos a linguagem corpórea tanto quanto a linguagem escrita e
ambas têm que ser aprendidas, e não só uma em função da que
é (tida como) prioritária”.*

⁹ No anexo II é encontrado um quadro idealizado de como seria a grade curricular, explicitando, por sua vez, que todos os componentes representam o mesmo valor, contribuindo para a extinção do pensamento da hierarquia dos saberes escolares já demonstrada nesta pesquisa.

Referências Bibliográficas:

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. História da Educação. 1ª ed. São Paulo: Editora Moderna, 1989.
- ARROYO, Miguel Gonzalez. O significado da infância. Revista Criança, 1994, p. 17-21.
- BRACHT, Valter. A Constituição das teorias pedagógicas da educação física. CADERNOS CEDES, Corpo e Educação. Número 48.1ª edição. Campinas, agosto/99, p. 69-88.
- _____. Educação Física e Aprendizagem Social. Editora Magister, 1992.
- BRITO, Vera Lúcia Alves de. A Educação física e a construção de uma nova escola, na ótica da LDB. In: COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DOS ESPORTE - CBCE. Educação Física Escolar Frente à LDB e aos PCNs: Profissionais analisam renovações, modismos e interesses. Ijuí: Sedigraf, 1997, p. 113-120.
- CAPARROZ, Francisco E. . Entre a educação física na escola e a educação física da escola – A educação física como componente curricular. CEFD/UFES. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 1997.
- COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE (CBCE). Educação Física Escolar Frente à LDB e aos PCNs: Profissionais analisam renovações, modismos e interesses. Ijuí: Sedigraf, 1997.
- COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do Ensino de Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992. (*Coleção Magistério 2º grau. Série formação do professor*)

- COSTA, Marisa Vorraber. Currículo nos limiares do contemporâneo. DP&A Editora, 1998.
- GOODSON, Ivor. Etmologias, epistemologias e o emergir do currículo. In: Currículo: Teoria e história. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
- GRUPO DE TRABALHO PEDAGÓGICO. Visão didática da educação física: Análises críticas e exemplos práticos de aulas. UFPe-UFSM. Rio de Janeiro: Ao Livro Teórico, 1991.
- GRUPO DE TRABALHOS AMPLIADOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA. PCN: Um Olhar Crítico para a Superação. In: COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE (CBCE). Educação Física Escolar Frente à LDB e aos PCNs: Profissionais analisam renovações, modismos e interesses. Ijuí: Sedigraf, 1997, p. 87-111.
- MENDES, Cláudio L., SOUSA, Eustáquia S. e VAGO, Tarcísio M. Pareceres sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais. In: COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE (CBCE). Educação Física Escolar Frente à LDB e aos PCNs: Profissionais analisam renovações, modismos e interesses. Ijuí: Sedigraf, 1997, p. 63-74 .
- PICCOLO, Vilma L. Nista. Educação Física Escolar: Ser... ou não ter? 3ª edição. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.
- REVISTA DO PROFESSOR. Educação Física numa visão transformadora – Psicomotricidade desenvolvida através de jogos cooperativos. Porto Alegre, Volume 13, jul./set., 1997, p. 40-45.

SACRISTÀN, J. Gimeno. Escolarização e Cultura: A dupla determinação. In: Novos Mapas Culturais, Novas Perspectivas Educacionais. Porto Alegre: Editora Sulina, 1997, p. 34-57.

SAVIANI, Demerval. A Nova Lei da Educação – Trajetória, Limites e Perspectivas. Campinas, SP: Autores Associados, 1997.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física/ Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 96p.

SNYDERS, Georges. A alegria na escola. Tradução: Bertha Halpern Guzovitz, Maria Cristina Caponero: São Paulo, Manole, 1988.

Alunos Felizes – Reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários. Tradução Cátia Ainda Pereira da Silva. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

SOARES, Carmem Lúcia. Educação Física – Raízes Europeias e Brasil. Campinas, SP: Editora Autores Associados, 1994.

Imagens do corpo “educado”: um olhar sobre a ginástica do século XIX. In: FERREIRA NETO, Amarílio (org.). Pesquisa histórica na educação física. CEFD/UFES. Universidade Federal do Espírito Santo. Volume 2, Vitória, 1997.

Educação Física Escolar: Conhecimento e Especificidade. In: Revista Paulista de Educação Física. São Paulo, suplemento 2, 1996, p. 6-12.

Parâmetros Curriculares Nacionais e a Educação Física Escolar. In: COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE (CBCE). Educação Física Escolar Frente à LDB e aos PCNs: Profissionais analisam renovações, modismos e interesses. Ijuí: Sedigraf, 1997, p. 75-85.

Sobre a formação do profissional em educação física: algumas anotações. In: DE MARCO, Ademir (Org.). Pensando a educação motora. Campinas, São Paulo: Papirus, 1995.

Sobre Metodologia: Cultura, Ciência e Técnica. In: Revista da educação brasileira de ciências do esporte. Volume 16, n° 1, outubro, 1994.

SOARES, C. L., TAFFAREL, C. N. Z., ESCOBAR, M. O. A educação física escolar na perspectiva do século XXI. In: MOREIRA, W. W. (Org.). Educação Física & Esportes: Perspectivas para o século XXI. Campinas, São Paulo: Papirus, 1993, p. 211-224.

TAFFAREL, Celi N. Z. Os Parâmetros Curriculares Nacionais. In: COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE (CBCE). Educação Física Escolar Frente à LDB e aos PCNs: Profissionais analisam renovações, modismos e interesses. Ijuí: Sedigraf, 1997, p. 25-61.

VAGO, Tarcísio Mauro. Início e fim do século XX: Maneiras de fazer educação física da escola. CADERNOS CEDES, Corpo e Educação. Número 48. 1ª edição. Campinas, agosto/99, p. 30-51.

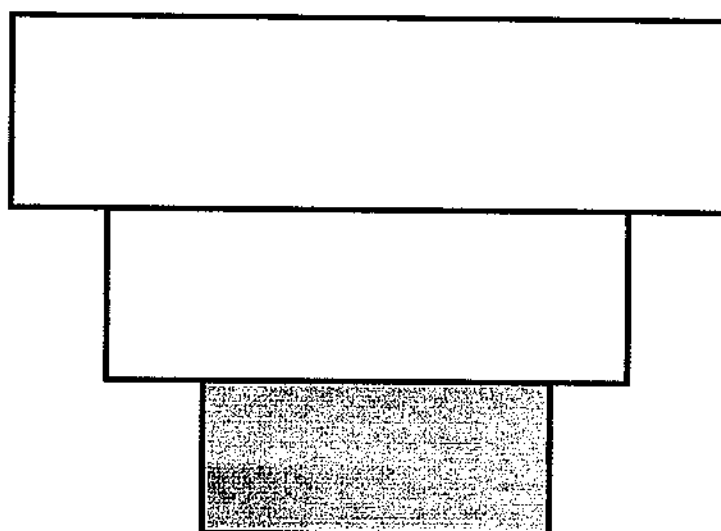
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – USP. Catálogo do curso de Pedagogia – 1999.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAL – UNICAMP. Estrutura curricular do curso de Pedagogia – catálogo/98.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP. Faculdade de Ciências e Letras
– Campus de Araraquara. Catálogo do curso de Pedagogia. Edição 1998.

ANEXO I

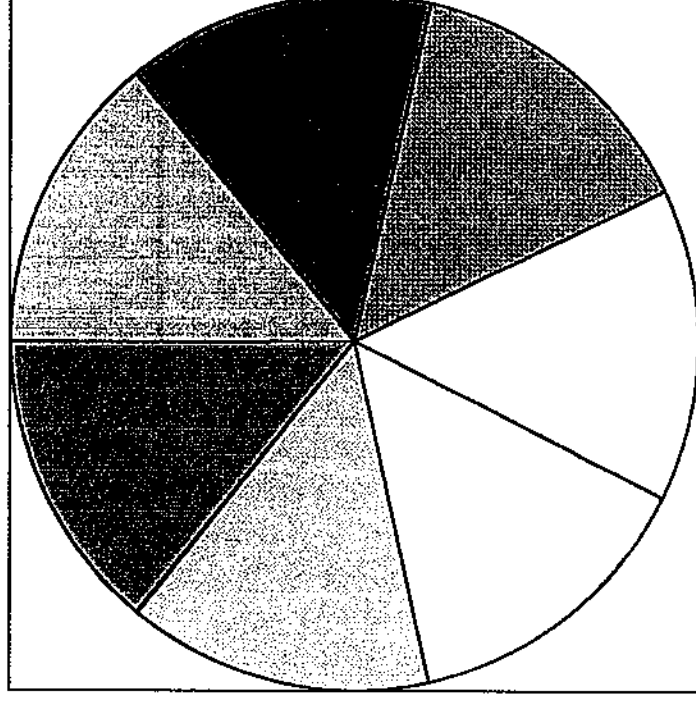
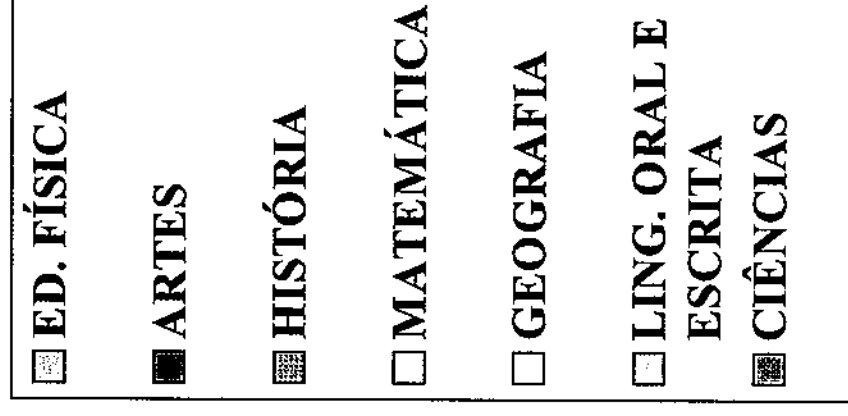
HIERARQUIA DOS SABERES ESCOLARES



- ☐ MATEMÁTICA - CIÊNCIAS - LING. ORAL E ESCRITA
- ☐ HISTÓRIA - GEOGRAFIA
- ☒ EDUCAÇÃO FÍSICA - ARTES

ANEXO II

A IDEALIZAÇÃO DOS SABERES ESCOLARES





UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Faculdade de Educação

Biblioteca "Prof. Joel Martins"

29/01/99

FORMULÁRIO PARA CATALOGAÇÃO NA FONTE

1. Indicação de Cutter [Uso da Biblioteca]	
2. Sobrenome, Pré-nome (Autor individual)	PERES, Giani
3. Sobrenomes, Pré-nome (Autores coletivos)	
4. Nome direto (Entidade coletiva)	
5. Título : subtítulo	" AS IMPLICAÇÕES DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO ÂMBITO DA INSTITUIÇÃO ESCOLAR "
6. Ano de defesa/publicação	2000
7. Orientador (es)	CARMEN LÚCIA SOARES
8. Cadastro de autoridades [Uso da Biblioteca]	
9. Grau/Categoria	9.1 ☒ TCC 9.2 ☐ Mestrado 9.3 ☐ Doutorado 9.4 ☐ Livre-Docên. 9.5 ☐ Livro 9.6 ☐ Catálogo 9.7 ☐ Outros
10. Unidade/Instituição	FE - FACULDADE DE EDUCAÇÃO - UNICAMP
11. Palavras-chave do autor [Termo livre]	1- [Educação] 2- [Educação Física] 3- [Formação de Professores] 4- [Grade curricular] 5- [PCNs]
12. Palavras-chave padrão [Base CA / Acervus] [Uso da Biblioteca]	1- [] 2- [] 3- [] 4- [] 5- []
13. Data	Recebimento: 14 / 02 / 2000 Data prevista para entrega: ____ / ____ / ____
14. Atendido por:	Nome: _____